

## O ESTATUTO DA PEDAGOGIA COMO CIÊNCIA AUTÔNOMA, EM DELFIM SANTOS

Cristiana de Soveral e PASZKIEWICZ  
Universidade do Porto

### RESUMO

*O artigo aborda a pedagogia de Delfim Santos pondo em relevo suas fontes na fenomenologia existencial.*

### RÉSUMÉ

*L'article étudie la pédagogie de Delfim Santos il met en relief les sources du philosophe portugais dans l'école phénoménologique.*

Toda a problemática do pensamento de Delfim Santos se situa no campo de uma onto-antropologia, configurando-se assim a sua filosofia como sendo uma Pedagogia Essencial.

A questão principal que preocupa Delfim Santos é o entendimento do Homem, não em termos gerais e abstractos, mas de busca do sentido para a existência individual de cada homem concreto, que se insere no mundo como pessoa.

Partindo assim, de uma posição existencialista, que aproxima de Heidegger, Delfim Santos desenvolve uma ontologia fenomenológica, onde a existência é pensada em função de idéia geral de Ser, e onde o ser da existência, ou *sendo* (a noção assemelha-se ao conceito heideggeriano de *Dasein*) é uma das formas da revelação do Ser. Diz Delfim Santos que é na existência que o Ser se actualiza, e que só é possível descobrir-lo nas suas determinações.

Não deixa contudo o filósofo português de aderir ao plano pedagógico de Jaspers, que consiste em

levar cada homem a melhor decifrar a sua existência própria; em levar cada um ao melhor entendimento de si mesmo.

Partindo de uma analítica existencial ou de uma fenomenologia existencial, *oeu* procura a experiência mais íntima de si mesmo: habitando na esfera do sendo, ou **esfera ôntica**, como lhe chama Delfim Santos, tem contudo acesso, pela compreensão, à esfera do Ser, ou **esfera ontológica**. Daqui resulta uma tomada de consciência de sua finitude, porém aberta, tendencialmente, ao Absoluto.<sup>1</sup>

Apreende-se assim o homem como subjectividade situada. E daqui resultam três interesses: o interesse pela sua pessoa (única, singular e concreta) o interesse pela sua situação ôntica, e o interesse pela sua abertura o Absoluto.

Observe-se todavia que Delfim Santos assumiu-se sempre como agnóstico, amputando da sua reflexão o interesse religioso pelo Absoluto

divino, mantendo-se sempre no plano da relação dos entes com o Ser dos entes ou Ser em geral.

Existente no Mundo mas aberto ao Ser, é pois das relações que o homem estabelece com o Ser e das relações que o homem estabelece com o Mundo que se ocupa o filósofo.

A questão do estatuto epistemológico da Pedagogia e a ambição de transformar a Pedagogia numa ciência autônoma é tratada na obra, que tem por título *A Fundamentação Existencial da Pedagogia*, editada em 1946.<sup>2</sup> Nesta obra, o autor afirma não defender nem uma Pedagogia científica nem uma Pedagogia metafísica mas, uma Pedagogia pedagógica.<sup>3</sup> Identifica a Pedagogia pedagógica com a **Pedagogia Existencial**, que tem como objecto e como finalidade o homem concreto, com uma existência própria e única - o homem enquanto existente; o homem em trânsito.

Tendo esta Pedagogia como tarefa levar o homem ao encontro de si mesmo, poderia ser também apelidada de Pedagogia da autenticidade.

Este conceito de Pedagogia difere daquele que Delfim Santos dera em *História da Educação*, de 1944<sup>4</sup>: Nessa altura o autor estava preocupado em distinguir Pedagogia de Educação e definiu então Pedagogia como sendo um saber estruturado sob a forma de ciência do que como fenómeno primário chamava de Educação.<sup>5</sup> Educar consistia em favorecer a mutação do homem, do seu estado inicial até às máximas possibilidades existenciais de que fosse capaz.<sup>6</sup>

Nessa altura Delfim Santos entendia a Pedagogia em sentido restrito, ou seja, uma Pedagogia científica com a sua sub-região própria no campo ontológico das ciências do Homem, e uma metódica própria, também esta no âmbito geral das Ciências Humanas.

Mas em *A Fundamentação Existencial da Pedagogia* já a Pedagogia deixa de ser pensada em sentido restrito, para ser pensada em sentido amplo, como pedagogia fundamental, que se confunde com a Antropologia Filosófica, e cujo objectivo é auxiliar o trânsito do **indivíduo à pessoa**.<sup>7</sup>

O conceito que antes atribuía à Educação dá-o agora à Pedagogia, passando a utilizar os dois termos como sinónimos.

Como já dissemos o programa da Pedagogia Existencial tem como finalidade o auto-conhecimento, que se inicia, na teoria delfiniana, pelo conhecimento do mundo onde o homem existe e com o qual coexiste. Este mundo é composto pelas coisas, pelos outros e por nós mesmos. Como esclarece Delfim Santos, das coisas busco para que servem, dos outros como subsistem, e de mim mesmo para que existo.<sup>8</sup>

É esta actividade de conhecimento ou apreensão do mundo, que Delfim Santos designa por acto de aprendizagem, concluindo assim, que a aprendizagem é um acto básico para a compreensão que o homem tem de si mesmo, considerando-a por isso como sendo o objecto próprio da Pedagogia.

Anote-se que este entendimento delfiniano de aprendizagem a identifica com a actividade existencial básica, o que no fundo faz coincidir a Pedagogia com a Antropologia Filosófica.

Ainda nesta obra de 1946, para complicar mais o contexto conceptual, Delfim Santos identifica acto de aprendizagem com acto pedagógico.<sup>9</sup>

Entendemos que são necessárias aqui algumas observações. Com efeito, tendo sido tomado o acto de aprendizagem em sentido tão amplo, não nos parece que essa equivalência faça sentido. Se analisarmos o processo da aprendizagem verificamos que ele apresenta diversos aspectos, e alguns deles desenvolvidamente tratados aliás, ao longo da história do pensamento. Para sermos breves, destaquemos três grandes áreas da problemática relativa à aprendizagem que nos parecem fundamentais: a primeira diz respeito aos problemas adstritos ao próprio acto de aprendizagem enquanto acto cognitivo. Qual a sua essência, a sua origem, os seus limites? Como devemos proceder para não errar? Seria despropositado fazer aqui o levantamento histórico dessas questões. Só nos interessa registar que, sob este aspecto, a aprendizagem não é objecto da Pedagogia mas da Teoria do Conhecimento. Uma segunda área de problemas refere-se ao processo da aprendizagem em si mesmo; aos mecanismos que o homem dispõe para realizar o acto de aprender. E também não nos parece estarem no domínio da Pedagogia, mas sim da Psicologia, que aliás dele é bem zelosa. Finalmente, um terceiro aspecto relativo à noção genérica de aprendizagem refere-se aos meios instrumentais que devem utilizar-se para aprender. E, neste sentido, a aprendizagem está intimamente relacionada com o acto docente, ou seja, com a relação que se estabelece entre ensinar e

aprender. Assim, só neste último sentido, a acto de aprendizagem será pedagógico.

Postos estes breves comentários críticos, voltemos ao acto de aprendizagem ou "incorporação", tal como é entendido por Delfim Santos. Este acto de aprendizagem que visa incorporar o mundo, não é idêntico em todos os homens, e depende das suas capacidades ou "formas de pensamento"- Cada homem tem possibilidades diferentes do outro para apreender o que para todos se apresenta da mesma forma,- explica Delfim, e acrescenta que o Mundo, como objecto não é idêntico para todos os homens.<sup>10</sup>

Sendo assim a Pedagogia, tem de estar atenta a essas diferenças.

Isso explica, a nosso ver, a importância dada por Delfim Santos à caracterologia ou tipologia.

Para o autor, a caracterologia não se confina aos factores psicossomáticos ou biológicos, mas diz respeito às características do carácter próprio a cada tipo de homem e é responsável, até certo ponto, pelo conformação típica da sua personalidade.

O carácter tem, para Delfim Santos, duas características essenciais: uma refere-se à **emotividade** e a outra à **actividade**. Ambas são possibilidades de ordem vital que condicionam o homem. A emotividade condiciona a forma de pensar e ver o mundo. No que respeita a acção entende Delfim Santos que a capacidade de agir se desdobra em duas aptidões: uma respeita à constatação dos valores que conformam o "espírito objectivo"; a outra, corresponde à capacidade para fazer uma opção valorativa, global. Destas duas aptidões resultam as possibilidades de acção do sujeito e, por consequência, a sua inserção no plano de uma existência superior; a sua afirmação como pessoa.<sup>11</sup>

Ora a tipologia, sendo o estudo das formas de carácter, seria para o autor um instrumento precioso da Pedagogia e marcaria o limite das suas generalizações possíveis.

Com efeito, o homem é um ente individual e singular e qualquer generalização a seu respeito estaria em princípio vedada. Mas se ela fosse de todo impossível, não haveria ciência. Entende por isso Delfim Santos que a generalização legítima para que a Pedagogia possa ser uma ciência é aquela que se obtém mediante a tipificação caracteriológica.<sup>12</sup>

Todavia, e em nosso entender, Delfim Santos não chega a definir um estatuto científico autónomo

para a Pedagogia na obra *Fundamentação Existencial da Pedagogia*.

Mais tarde, em 1961, no artigo *Temática da Formação Humana*,<sup>13</sup> Delfim Santos volta ao tema.

Nesta obra, a importância da caracterologia é abandonada, mas não houve, a nosso ver, uma alteração de fundo nas posições do autor, que são levadas aliás às últimas consequências. A Pedagogia continua a ser entendida em sentido amplo, como Pedagogia essencial, próxima de uma Antropologia Filosófica.

Volta a reafirmar que o seu objecto é o acto de aprendizagem, novamente entendido em sentido muito amplo, como actividade básica do espírito. Mas agora, e assim entendida a aprendizagem, considera Delfim Santos que a Pedagogia é a raiz de todas as ciências, uma vez que todas dependem, como é evidente, da actividade do espírito para se constituírem.<sup>14</sup>

Concluindo, e levando em atenção o que acaba de ser exposto, pensamos que Delfim Santos deixa por solucionar o problema do estatuto epistemológico da Pedagogia.

Identificando Pedagogia e Antropologia Filosófica sai do plano da metodologia científica e entra no domínio das questões gnosiológicas radicais, que são próprias da Filosofia.

## NOTAS

- (1) Vd Santos, Delfim. *Heidegger*, in Obras Completas, v. II, Fund. Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 357-369.
- (2) Santos, Delfim. *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, in Obras Completas, vol. II, Fund. Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 427-499.
- (3) Ob. cit., p. 430
- (4) Santos, Delfim. *História da Educação*, in Obras Completas, vol. III, Fund. Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 281-296.
- (5) Ob. cit., p. 281
- (6) Ob. cit., pp. 283-284
- (7) Santos, Delfim. *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, in Obras Completas, vol. II, Fund. Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 477-478 e ainda *A Finalidade da Educação*, in Obras Completas, vol. II, 1982, p. 404.
- (8) Ob. cit., p. 440-441
- (9) Ob. cit., p. 441
- (10) Ob. cit., p. 456
- (11) Santos, Delfim. *Medicina e Caracterologia*, in Obras Completas, vol. III, Fund. Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 166-167 e ainda, *Finalidade da Educação*, in Obras Completas, vol. II, pp. 403-404
- (12) Santos, Delfim. *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, in Obras Completas, vol. II, Fund. Calouste Gulbenkian, 1982, p. 480
- (13) Santos, Delfim. *Temática da Formação Humana*, in Obras Completas, vol. III, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 247-278
- (14) Ob. cit., pp. 251-276

## VICENTE FERREIRA DA SILVA, O "SOLOGANGER"

Dora Ferreira da SILVA

### RESUMO

*Dora Ferreira da Silva, viúva do filósofo Vicente Ferreira da Silva, apresenta, em depoimento, os temas relevantes, a originalidade e o caráter solitário da reflexão do filósofo.*

### RÉSUMÉ

*Dora Ferreira da Silva, veuve du penseur brésilien Vicente Ferreira da Silva, met en relief dans cet article, les thèmes, l'originalité et la solitude qui ont caractérisé notre philosophe.*

Vicente Ferreira da Silva nasceu em janeiro de 1916 e faleceu tragicamente num desastre de automóvel em julho de 1963. É de 1948 seu ensaio sobre Novalis onde cita palavras do poeta-filósofo alemão que serviriam para ele mesmo: "Quanto mais curto o tempo, mais rico e múltiplo. o largo tempo debilita, o curto intensifica." Novalis faz parte do livro *Ensaaios Filosóficos* que escreveu aos vinte e dois anos de idade consagrando-o como um pensador original, a maior vocação filosófica do Brasil desde Farias de Brito na opinião de críticos de porte. No ano seguinte (1949) publica *Exegese da Ação* e em 1950 o admirável *Dialética das Consciências*. Sua obra se desencadeia polimórfica, numa modulação rica a singular através de sua breve existência, culminando com sua *Filosofia da Mitologia*. Embora influenciado por Walter Otto, é colhido pela vivência pessoal e profunda do que toda cultura é um oferecer-se do divino, o qual desencadeia e fundamenta poeticamente um dado mundo. Essa hierofania originante poderia ser interpretada aproximativamente como a função superior da mitologia que des-fecha um campo de fascinação, assinalando a capacidade genético-transcendental da

incidência histórico-cultural do divino. Com Kerenyi, Vicente acha que os deuses são origens-absolutas, determinando todo um mundo de ações, formas e desempenhos. Deus morre apenas em suas formas e manifestações, ressuscitando em novas auroras com reiterado vigor, tornando a vida saborosa em suas diversas configurações e possibilidades. A essa instância misteriosa e criadora Vicente deu o nome de "Fascinator", o qual determina um desvelamento mítico-religioso. Homens e coisas intramundanas são receptores de modalidades do ser outorgadas pelo universo sagrado. O "Fascinator" ou, como às vezes diz Vicente a "Fascinatio Divina" não promana da mente humana. Pelo contrário, invalida qualquer doutrina individualista ou antropocêntrica da origem das formas culturais e a falácia de que o homem-só-homem seria "o descobridor ou o inventor de seu habitat espiritual." Diz Vicente metaforicamente que as coisas descerem do céu para a terra, nascendo de uma Fascinatio Divina, e de forma alguma foram geradas por uma capacidade criadora do ser humano. É este e todos os demais seres de um dado mundo que são desocultados e expostos à cintilação da vida.

Quanto aos desempenhos profanos e utilitários, não se originaram no nível da consciência comum, segundo propósitos ou programas racionalistas ou técnico-pragmáticos, mas fluíram dessa fonte fascinante, dessa origem instauradora. Conseqüentemente, "o poder que se expressa na conduta humana formadora de cultura consiste na própria presença em pessoa, dos deuses, demônios e semideuses."

Numa carta a uma amiga brasileira, o filósofo português Antonio Braz Teixeira, referindo-se à obra de Vicente Ferreira da Silva diz numa passagem: "... parece-me que apesar de pensar em constante referência à cultura germânica (Fichte, Schelling, Novalis, Holderlin, Rilke, Heidegger) Vicente é o mais brasileiro dos filósofos brasileiros, pela divinação da natureza e pelo politeísmo/ paganismo do seu pensamento, pelo verdadeiro sentido cósmico que revela. Propendo a considerar por isso constituir com Guimarães Rosa, Suassuna e Glauber Rocha, a expressão cultural mais autêntica do Brasil profundo e das virtualidades e especificidades da cultura brasileira. Naquilo que o separa de Schelling e de Heidegger, nomeadamente na valorização do elemento emotivo-fascinante e na busca de uma fé ou transracionalidade originária, vejo eu anunciados os caminhos do futuro do pensamento brasileiro, liberto enfim da imitação mais ou menos servil das correntes de moda européia ou americana."

Vicente era um erudito sem os males da erudição. Sua linguagem filosófica é rica, cheia de momentos de vigorosa poesia e seu relacionamento com filósofos europeus, norte-americanos e sul-americanos não impediram a originalidade de sua mente indagadora no tocante a pessoas e coisas, dele fazendo, como disse alguém "um filósofo o tempo inteiro".

O itinerário que sua obra filosófica tão bem desenha, polimórfica, fervilhante de idéias, intuições e novos modos de pensar (como se poderá constatar nos seus fragmentos publicados postumamente) culmina a nosso ver com os Diálogos Filosóficos e sua Filosofia da Mitologia, orinda de uma vivência pessoal e fecunda. Mais do que um espírito influenciado por Otto, Kerényi, Vicente parece ter-se abetado em fontes interiores que compartilhou com os autores citados. Se assim não fosse, como teria sido escolhido para representar o Brasil na Rowohlt's Deutsche Enzyklopadie, ao lado de Karl Kerényi (Zürich), Walter F. Otto (Tübingen) I Mircea Eliade (Bukarest/Paris), Enzo Paci (Pavia), desse modo se evidenciando seu reconhecimento no mais significativo mundo cultural europeu?

Assim é que tivemos que optar por dois de seus ensaios (O.C. vol. II) por nos parecerem paradigmáticos de vertente mais original de sua meditação filosófica, deixando de lado os Diálogos Filosóficos, que devem ser lidos na íntegra, não se prestando a uma fragmentação inevitável nas tentativas de uma exegese forçosamente sintética.

Em A Origem Religiosa da Cultura, Vicente começa criticando o atomismo representacional, que outorgaria às coisas "uma vida livre e absoluta" no espaço e no tempo. Diz ele: "... como sabemos, desde o criticismo kantiano e as investigações do idealismo do passado e como é renovadamente aprofundado no pensamento hodierno, o ente, em sua totalidade, consiste sempre no fruto de uma sesocultação transcendental que o configura em seu ser próprio. Todo objeto é um sumam objeto constituído, interpretado, desenfado em sua índole derradeira. ... o ser desses objetos assim como o dos demais entes oferecidos ao nosso conhecimento promana de uma dotação de sentido transcendental (**Sinngebung**) que instaura seu tipo de manifestação... todas as coisas são tributárias de uma iluminação projetiva, não existindo de maneira alguma como realidades espúrias e irrelevantes. ... Uma das representações fundamentais que encontramos no mundo e que em absoluto não pode ser conhecida em seu ser-separado ou isolado é a própria representação humana, a própria autognosia pessoal. Acontece que esta representação do nosso mais íntimo ser, a esfera de conotações e significados subordinados à nossa gnosis pessoal e social, têm o mesmo destino de todas as outras representações, a saber, a de ser um campo des-fechado por um projeto desocultante."

Assim, retomando as considerações iniciais deste breve estudo sobre aspectos da obra filosófica de Vicente, voltamos à idéia, ou melhor, intuição do "Fascinador" como instância primordial de timbre numinoso que dá sabor e sentido ao mundo e ao homem, vedando a este último interpretar as hierofanias históricas da divina "a partir de aspirações fixas ou pretensamente naturais da alma humana." Convém repetir: a cultura e o personagem cultural são como que "universos deflagrados por uma fascinação ontológica primordial."

Mas é em sua meditação sobre **Religião, Salvação e Imortalidade** que a nosso ver culmina o pensamento de Vicente Ferreira da Silva, adentrando-se a uma visão soteriológica também des-fechada por

uma determinada fascinação divina. "As cenas eternas do mundo - diz ele - que constituem o universo prototípico dos deuses surgem, convocando-nos e convidando-nos para as diversas moradas indestrutíveis". Haveria pois uma salvaguarda em Dionísio, uma salvação em Apolo, uma salvação em Afrodite, uma salvação em Cristo, conforme a ênfase do princípio erótico-anímico-espiritual ao qual pertencêssemos. A tônica do princípio urânico-espiritual que caracteriza o cristianismo, por exemplo, remete-nos ao vórtice da salvação em Cristo, à transcendência celeste. Impossível não lembrar neste contexto a passagem bíblica: "Muitas são as moradas na Casa do meu Pai", que parece validar esta perspectiva soteriológica (em termos puramente filosóficos e especulativos) sugerida por Vicente. Segundo a vertente do nosso Coração determinada pelo Fascinator, poder-se-ia então pensar em outros espaços soteriológicos, em outras dimensões do **salvável** e salvado no homem. Os deuses - diz nosso autor - abrem campo a efetuações existenciais eternizantes, que pertencem ao seu âmbito interno de possibilidades atualizáveis." E ainda: "São os vértices de eternidade que se abrem como teatros de transcendência... O que efetuamos na linha de uma dada "perfectio", inspirados por um deus, pertence de direito à bem-aventurança eterna suscitada pela sua proximidade. O nosso coração revela-se então em sua totalidade, como uma chispa do coração selvagem do divino e nele estamos e permanecemos para sempre."

Vicente conhecia o suficiente da obra de Jung. A linha da "perfectio" que adotamos (inspirados por um deus ou daimon) revelando-se como **totalidade** faz com que nos aproximemos "do coração selvagem do divino", e, captados por sua cintilação, nos tornemos chispas ou fagulhas do mesmo fogo. A palavra "perfectio" aqui toma a conotação de uma completude, tal como um ponto que se deslaccasse até encontrar-se a si mesmo, traçando um círculo.

Numa época de profunda crise como a que atravessamos neste fim de milênio, fala-se do fim do mundo e a indagação que alguns fazem é de que se trataria antes do fim de um mundo. A droga e a violência denunciam a perda do sabor da vida, incitando à busca de sucedâneos, sejam eles entorpecentes ou práticas religiosas regressivas o inautênticas. Mas, como diz Vicente, "qualquer autoconhecimento humano já traz em si o timbre de uma pertinência religiosa." Não somos os que escolhem, mas somos os escolhidos por um dado traçado do mundo o pelo "fascinator" que

a ele deu origem e às suas possibilidades. As raízes religiosas do mundo, de um dado mundo nos ligam a partir dos estratos mais profundos de nossa alma ao numen ou aos numina que nos guiam e fascinam.

A busca do autoconhecimento que floresce no campo da psicologia, particularmente nas escolas que não invalidam a experiência religiosa, aponta para a ânsia de um encontro ou reencontro do numinoso, sem o qual o mundo empalidece e a alma se estiola no "divertissement" que busca em vão saciar a fome da vida. Esta só emite sua frágil e bela fulguração quando o mais profundo é tocado pela radiação divina. Talvez se fale tanto em mortes e Morte porque estamos perto da fronteira de uma renovação da vida a do sentido da existência.

A primeira edição em dois pesados e densos volumes das Obras Completas (ou incompletas?) de Vicente Ferreira da Silva pelos cuidados do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) se acha esgotada. Dada a relevância dessa obra e seu grande significado nos marcos da cultura brasileira e mesmo universal, planejei com alguns poucos amigos a reedição dessa obra sob uma outra forma. O pintor Wesley Duke Lee levou avante o projeto gráfico das capas, e a opção foi por um tipo de Livro de Bolso, em quatro volumes, simples mas de um bom gosto extremo. Cada capa seria de uma cor, com um desenho da deusa-Mãe geométrica do período neolítico. Haveria também algumas fotos, enriquecendo cada volume, e revelando aspectos essenciais da vida de Vicente Ferreira da Silva.

Traduzido para o francês por Zdenek Kourim numa obra coletiva publicada em Toulouse pela equipe da CNRS (Méditation sur la Mort), publicado na Itália na revista AUT AUT, sua obra foi discutida em Seminários de Ernesto Grassi quando este era professor na Universidade de Munich. Após sua morte apareceu um número especial sobre sua vida e obra na revista CONVIVIUM, da qual foi fundador com Adolpho Crippa.

No Brasil mereceu várias dissertações de mestrado e teses de doutorado, sendo que uma dessas teses foi apresentada na Universidade de Roma. Sua obra ocupou historiadores da Filosofia no Brasil e no exterior. Em Portugal particularmente membros do Instituto Luso-brasileiro de Filosofia vem estudando sistematicamente sua obra, entre os quais destacamos os trabalhos de Antonio Braz Teixeira e Paulo Borges.

Esperemos que o Brasil lhe dê o merecido lugar, e a merecida atenção, e que essa segunda edição da obra de Vicente Ferreira da Silva não seja escondida no cenário da cultura filosófica brasileira.

Que o "Sologanger" Vicente Ferreira da Silva (assim o definiu um professor alemão refugiado no Brasil em 1946) possa ser o companheiro de caminho de outros solitários como ele.